

# Dossiê palestinos no Brasil: etnografia das experiências de pessoas palestinas em deslocamento

BÁRBARA CARAMURU TELES

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Museu de Arqueologia e Etnologia  
Curitiba - Paraná, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-7999-8007>  
[b.caramuru@ufpr.br](mailto:b.caramuru@ufpr.br)

HELENA DE MORAIS MANFRINATO OTHMAN

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)  
São Paulo – São Paulo, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-4346-5540>  
[manfrinatocso@gmail.com](mailto:manfrinatocso@gmail.com)

É com enorme satisfação, mas também com sentido de urgência, que trazemos esse dossiê ao público. A história da Palestina, no último século, tem sido marcada pela sistemática brutalização de seu povo pelo regime sionista – estabelecido há 70 anos, militar e politicamente apoiado pelas potências do Ocidente. Enquanto as pessoas palestinas vivem as consequências das violências cometidas no passado pregresso e recente, o regime sionista segue o seu curso genocidário em Gaza, massacrando pelo menos 50 mil vidas palestinas, em uma operação militar iniciada em 2023 e sem prazo para acabar.

Desde a *Nakba*, em 1948, evento que marcou o deslocamento forçado de aproximadamente 800 mil palestinos de suas terras e casas por milícias sionistas, pessoas palestinas foram sucessivamente deslocadas, expropriadas ou martirizadas, num contínuo processo de “transferência” ou “limpeza étnica” mais tarde nomeado *ongoing Nakba* – ou *Nakba* continuada (Masalha, 2021; Pappé, 2016). Desde

então, a política sionista tem sido, mais precisamente, uma “necropolítica” (Mbembe, 2018), que submete as pessoas palestinas, seus corpos, terras, casas e vidas à constante e implacável brutalidade.

Evocar a *Nakba*, os sucessivos ataques e apropriações que impulsionaram a expansão colonial e ocupação do território palestino confirma que desde o início da ocupação o projeto de um Estado israelense, é, fundamentalmente, um projeto de limpeza étnica da Palestina (Pappé, 2016). Tal projeto segue com a expansão de colonatos em todo o território, seja na Faixa de Gaza (do que a agressão recente é exemplo) ou na Cisjordânia, onde pessoas palestinas sofrem com a segregação espacial e racial, configurando um regime de *apartheid* (HRW, 2021).

Na atualidade, o mundo observa um “genocídio televisionado”, transmitido ao vivo pelas suas próprias vítimas. O debate público – bem como as ruas – estão tomadas por manifestações de solidariedade, posicionamentos críticos à hùbris colonialista. Na contramão da solidariedade, a violência cometida contra pessoas palestinas pelo Estado de Israel segue vigente, seja por meio da expansão do colonialismo de assentamentos, do controle dos seus corpos – biopolítica (Foucault, 2005 Mbembe, 2018) –, desafios de mobilidade e narrativas orientalistas, islamofóbicas ou mesmo antiárabes.

Ao mesmo tempo, muito se tem dito sobre os modos de existência palestinos, que resistem e criam os meios de existir sob a ocupação, no refúgio e na diáspora. Neste dossiê, trazemos essa temática a partir do diálogo com as etnografias no Brasil, em que se busca compreender, entre outras coisas, como a ocupação se materializa na existência de nossos interlocutores e suas as formas de (r)existir dentro e fora do território palestino.

No Oriente Médio, gerações de pessoas palestinas têm nascido e crescido na condição de refugiados, em campos de refugiados, como é o caso da Síria, Jordânia, Iraque e Líbano, ou se deslocado para outros países em busca de melhores condições de vida e acesso à cidadania. Atualmente, o Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas (ONU) estima que existam cerca de 6 milhões de pessoas palestinas em refúgio (UNRWA, 2023). As condições existenciais variam de país para país, mas a apatridia impõe dificuldades onde quer que estejam, muitas vezes se traduzindo em empobrecimento, restrição de mobilidade social e geográfica, e, sobretudo, a impossibilidade de retorno à Palestina, premissa assegurada pelo direito internacional e a Resolução 194 da ONU.

No Brasil, os deslocamentos forçados de palestinos acontecem em meio – ou não – a processos mais amplos de deslocamentos de populações árabes para as Américas. A imigração árabe para o Brasil ocorreu em dois principais momentos. O primeiro foi nas duas últimas décadas do século XIX e começo do século XX, quando os então denominados imigrantes, principalmente sírio-libaneses majoritariamente cristãos, saem de seus países fugindo de conflitos políticos e econômicos, no período Otomano (Knowlton, 1955; Hajjar, 1985; Truzzi, 1993; Lesser, 2015; Koraicho, 2004; Souza, 2002). Em conformidade com essa primeira onda cristã, palestinos chegaram ao Nordeste, desembarcando na cidade de Recife, no início do século XX (Hazin, 2016; Caramuru Teles, 2023). O segundo momento dessa imigração dá-se com a chegada das populações palestinas de fé muçulmana ao Brasil em meados do século XX, devido aos efeitos da ocupação colonial militar sionista das terras palestinas no final dos anos 1940. Esse evento deu início a um dos maiores processos de desterro da história moderna.

Teremos ainda três movimentos migratórios importantes de pessoas palestinas para o Brasil e outros países latino-americanos: o primeiro devido à Guerra de 1967 e ao contínuo fluxo para o Brasil;

o segundo com a implementação do programa de reassentamento de refugiados palestinos do Iraque em 2007 (Hamid, 2012) e o terceiro, no bojo da Guerra da Síria, com a chegada de palestinos de vários campos de refugiados do país, a partir de 2014 (Othman, 2022).

Em virtude da pluralidade da diáspora, os palestinos encontram-se espalhados pelo país. Há uma concentração de palestinos na região Sul e Sudeste. Em São Paulo, no Rio Grande do Sul, nas cidades de Chuí, Uruguaiana, Pelotas, Santa Maria, Santana do Livramento e Porto Alegre. Na Tríplice Fronteira, concentram-se em Foz do Iguaçu. No Centro-Oeste, em Corumbá e Brasília. Ao Norte, em Manaus. No Nordeste, em Recife e Natal. Antigos e novos migrantes estabeleceram-se nessas cidades, formando comunidades, categoria que ganhou força tanto entre imigrantes e refugiados quanto entre pesquisadores. Enquanto um agrupamento de pessoas que tem em comum aspectos étnicos, religiosos, linguísticos, culturais, políticos – entre outros –, as comunidades se tornaram o centro de sua existência, no meio das quais construíram suas famílias, suas ocupações, suas redes.

O dossiê “Palestinos no Brasil: etnografias das experiências de pessoas palestinas em deslocamento”, pretende compreender, à luz de etnografias, a conformação das comunidades palestinas no Brasil, de norte a sul, leste a oeste do país, tal como as distintas experiências locais, nomeações e processos de coletivização. Para tal, apresentaremos aqui uma série de artigos que articulam temáticas recentes de pesquisa no campo de Estudos Palestinos com noções antropológicas e, inclusive, o fazer antropológico com e entre palestinos.

No primeiro artigo, Denise Jardim, autora já consagrada como precursora dos estudos palestinos na antropologia brasileira, propõe-nos pensar a constituição das etnografias palestinas no país. “Como encontramos e tecemos a interlocução em campo com imigrantes e filhos de imigrantes palestinos? Quais as questões que priorizamos e o quanto isso reflete nossa capacidade de compreensão sobre quadros mais amplos e internacionais que os imigrantes percorrem ou já percorreram?” são questões levantadas pela autora. Seu artigo é uma reflexão sobre a experiência etnográfica no Brasil entre os anos de 1995 a 2007 no extremo Sul do Brasil, lançando um mapeamento e balanço sobre as escolhas e incômodos dos enquadramentos teórico-metodológicos na pesquisa sobre a imigração forçada de palestinos no mundo contemporâneo.

Bárbara Caramuru Teles, no segundo artigo, apresenta de forma panorâmica as comunidades palestinas no Brasil, desde aquelas consolidadas entre os finais do século XIX e durante o século XX até as dinâmicas. A análise considera as primeiras imigrações de pessoas, de maioria cristã ortodoxa, advindas do “Triângulo Cristão”, bem como as imigrações, a partir das décadas de 1950 e 1960, predominantemente compostas por palestinos/as mulçumanos, oriundos de diversas regiões palestinas. As distintas comunidades estão aqui entrelaçadas por redes de imigrações familiares e de vizinhança através de uma narrativa mestra de migração. As primeiras imigrações foram marcadas por uma narrativa comum, a história dos mascates, que constitui o eixo central desta análise. O trabalho é fruto de etnografia multissituada realizada entre 2018 e 2023 no Brasil e perpassa as cidades de Chuí, Uruguaiana, Pelotas, Santa Maria, Santana do Livramento, Porto Alegre, Foz do Iguaçu, Curitiba, Florianópolis, São Paulo, Corumbá, Brasília, Manaus, Natal e Recife.

Na sequência, na temática atravessada pelo refúgio, Helena de Moraes Manfrinato Othman analisa as elaborações sobre o refúgio palestino através de conceitos como “sangue”, “família” e “memória” de refugiados palestinos do conflito sírio vivendo em uma ocupação urbana na cidade de São Paulo. Ela

trata o tema a partir de duas frentes: a elaboração crítica acerca dos enquadramentos vitimizantes do refúgio, focando nas suas próprias concepções de si como pessoas fortes; e nas produções de família e vizinhança como formas de coletivização que fazem parte da conformação de um modo de vida palestino e de sua perpetuação no tempo, conectando passado, presente e futuro coletivos.

O quarto artigo, de Paulo Ribas Correia, analisa as ressonâncias da palestinidade (Schiocchet, 2015) entre espaços de pertencimento. Entendida como uma categoria altamente política (e politizada), busca-se demonstrar como a palestinidade está imbricada com múltiplas esferas de interação, desde uma perspectiva pessoal e íntima até aspectos mais amplos e comunitários, afirma Correia em seu artigo. Assim, o autor sugere uma compreensão mais dinâmica e abrangente da categoria “política”, que envolve, também, a vida cotidiana. A partir de duas cenas etnográficas, mostra como a família se estabelece como lugar primordial a partir do qual as lealdades e os repertórios políticos mais básicos são forjados.

Alice Tallemborg explora as dinâmicas de circulação de conteúdo e restrições impostas pelo Instagram, destacando “o impacto do algoritmo da plataforma na visibilidade das postagens e a relação com o comportamento dos seguidores”. Examina a influência da geolocalização e das palavras-chave, identificando a presença do racismo algorítmico e a replicação de preconceitos estruturais. Por meio de uma análise dos influenciadores palestinos no Brasil, revela como conteúdos relacionados à Palestina sofrem restrições pela plataforma Instagram para além da violência digital, o discurso de ódio e o uso de estratégias para contornar essas limitações. O estudo contribui para o entendimento das interseções entre tecnologia, política e censura nas redes sociais, ressaltando os desafios enfrentados pelos palestinos no Brasil.

Por fim, Caio Porto explora como jovens palestinos informam, transformam e reafirmam suas identidades no cotidiano. Com foco nos membros do grupo de juventude palestina *Sana'ūd*, o estudo investiga a comida árabe como um “ponto de referência” proeminente da identidade palestina na diáspora. O autor apresenta-nos como os jovens definem a comida árabe, sua influência nas relações familiares e conexão com a identidade palestina. A análise revela que a comida árabe não tem uma “essência fixa”, mas recebe significado através da experiência. As associações entre a comida árabe e suas interações sociais representam atos de resistência. Nesta análise conclui-se que “Reconhecer e abraçar as experiências cotidianas como parte da identidade palestina afirma a resiliência da diáspora em luta pela libertação da Palestina”.

Os trabalhos apresentados neste dossiê nos mostram a notável diversidade de fluxos migratórios, movimentos e deslocamentos, bem como importantes diferenças geracionais e religiosas entre os palestinos deslocados. Em mais de uma pesquisa, observamos a importância da construção pública da percepção sobre a ocupação e, especialmente, sobre os palestinos na sua vivência da violência colonial. A noção de família, imbricada com as substâncias sangue e comida também são fundamentais para pensar não apenas a vida e a composição de relações no refúgio e/ou diáspora. Acima de tudo, nos mostram que sua capacidade de resistir aos processos violentos do deslocamento forçado não apenas se relacionam às estruturas de opressão, como queria Foucault (2005), mas a uma relação cosmopolítica com a terra ancestral (Othman, 2022). A esta dimensão se une a noção de intimidade e cotidiano, revelando outras camadas das experiências políticas institucionais mais convencionais, trazendo novamente a família como importante condutora das relações políticas na comunidade.

A comida, o sangue, a criação dentro e entre as famílias e a memória são a urdidura na qual a trama da vida dos palestinos é tecida ao viver deslocados, fazendo e refazendo as conexões com a terra ancestral. Tal como o trabalho em bordado da artista palestina Rahaf Hussin que abre este dossiê, que perfaz os contornos da Palestina pela inscrição dos nomes das cidades que seguem existindo sob as opressivas sobre codificações do aparato colonial sionista.

*Bárbara Caramuru Teles é Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e antropóloga no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR).*

*Helena de Moraes Manfrinato Othman é Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP).*

## REFERÊNCIAS

Caramuru Teles, B. (2023). *La resistência palestina és mujer y está furiosa: palestinidades em diáspora a partir dos marcadores sociais de diferença. Um olhar interseccional*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247608>

Foucault, M. (2005) *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 16. ed. Editora Graal.

Hajjar, C. F. (1985). *Imigração árabe – 100 anos de reflexão*. Ícone.

Hamid, S. C. (2012) *(Des)integrando refugiados: os processos do reassentamento de palestinos no Brasil*. [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional a UnB. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11954>

Hazin, I. M. (2016). *Imigrantes palestinos, identidades brasileiras: compreendendo a identidade palestina e as suas transformações*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. ATTE-NA. Repositório Digital da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/22381>

HRW (2021). Human Right Watch. *A Threshold Crossed Israeli authorities and the Crimes of Apartheid and Percution* <https://www.hrw.org/report/2021/04/27/threshold-crossed/israeli-authorities-and-crimes-apartheid-and-persecution>

Knowlton, C. S. (1955). *Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial*. Anhambi.

Koraicho, R. (2004). *25 de Março - memória da Rua dos Árabes*. Rose Koraicho.

Lesser, J. (2015). *A Invenção da brasilidade. Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. Editora Unesp.

Masalha, N. (2021). *A expulsão dos palestinos. O conceito de transferência no pensamento político sionista 1882-1848*. Sundermann.

Mbembe. A. (2018). *Necropolítica. Biopoder, Soberania, Estado de Exceção*. N.1 edições.

Othman, H. M. M. (2022). *Dos quadros de guerra à participação: socialidade, redes de ajuda e política na ocupação urbana Leila Khaled*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório da USP: <https://repositorio.usp.br/item/003180251>

Pappe, I. (2016). *A limpeza étnica da Palestina*. Sundermann.

Schiocchet, L. (2015). *Entre o Velho e o Novo Mundo a diáspora palestina desde o Oriente Médios à América Latina*. Editora Chiado.

Souza, M. M. (2002). *O povo da Caixa 25 de Março: memórias da imigração síria e libanesa em São Paulo* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP. <https://pos.flch.usp.br/node/46435>

Truzzi, O. (1993). *Patrícios – Sírios e Libaneses em São Paulo*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/62543>

UNRWA (2023). Who we are. <https://www.unrwa.org/who-we-are>

## ETNOGRAFIAS DAS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS PALESTINAS EM DESLOCAMENTO

**Resumo:** Neste dossiê, tratamos da diáspora palestina no Brasil, desde seu estabelecimento, as relações entre os múltiplos deslocamentos forçados e a colonização israelense do território até os modos de existência palestinos, que resistem e criam os meios de existir sob a ocupação, no refúgio e na diáspora. Perpassando temas como Nakba continuada, comida, sangue e criação, os artigos transitam entre imigração, diáspora e refúgio demonstrando etnograficamente uma trama da vida dos palestinos tecida ao viver deslocados, fazendo e refazendo as conexões com a terra ancestral.

**Palavras-chave:** Palestina; deslocamento; etnografia; diáspora; refúgio.

## ETHNOGRAPHIES OF THE EXPERIENCES OF PALESTINIAN PEOPLE IN DISPLACEMENT

**Abstract:** In this dossier, we deal with the Palestinian diaspora in Brazil, from its establishment, the relationship between the multiple forced displacements and the Israeli colonization of the territory to the Palestinian ways of existence, which resist and create the means to exist under occupation, in refuge and in diaspora. Touching on themes such as the continuing Nakba, food, blood and creation, the articles move between immigration, diaspora and refuge, ethnographically demonstrating a web of Palestinian life woven by living displaced, making and remaking connections with the ancestral land.

**Key words:** Palestine; displacement; ethnography; diaspora; refuge.

## ETNOGRAFÍAS DE LAS EXPERIENCIAS DE LOS PALESTINOS EN EL DESPLAZAMIENTO

**Resumen:** En este dossier, abordamos la diáspora palestina en Brasil, desde su establecimiento, la relación entre los múltiples desplazamientos forzados y la colonización israelí del territorio hasta las formas palestinas de existir, resistir y crear los medios para existir bajo la ocupación, en el refugio y en la diáspora. Tocando temas como la continuación de la Nakba, la comida, la sangre y la creación, los artículos se mueven entre la inmigración, la diáspora y el refugio, demostrando etnográficamente una red de vida palestina tejida viviendo en el desplazamiento, haciendo y rehaciendo conexiones con la tierra ancestral.

**Palabras clave:** Palestina; desplazamiento; etnografía; diáspora; refugio.

RECEBIDO: 23/05/2025

APROVADO: 26/05/2025

PUBLICADO: 31/07/2025



Este é um material publicado em acesso aberto sob a licença *Creative Commons* BY-NC